



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
Instituto de Humanidades  
Licenciatura em Sociologia**

**PATRIMONIALIZAÇÃO E INVISIBILIDADE FEMININA: UM  
ESTUDO DE CASO DA CAPOEIRA DO CEARÁ.**

**ESTELANY SILVEIRA SOARES**

REDENÇÃO  
AGOSTO/2019



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**Instituto de Humanidades  
Licenciatura em Sociologia**

**ESTELANY SILVEIRA SOARES**

**PATRIMONIALIZAÇÃO E INVISIBILIDADE FEMININA: UM  
ESTUDO DE CASO DA CAPOEIRA DO CEARÁ.**

Artigo Científico, apresentado à Banca Examinadora da  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciada em Sociologia.

**Orientador: Prof. Dr. RICARDO  
CÉSAR CARVALHO NASCIMENTO.**

REDENÇÃO  
AGOSTO/2019

**PATRIMONIALIZAÇÃO E INVISIBILIDADE FEMININA: UM ESTUDO DE CASO DA CAPOEIRA DO CEARÁ.**

**RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade problematizar algumas questões que permeiam o processo de patrimonialização da capoeira no Estado do Ceará, no que concerne ao papel e à importância da mulher na construção da comunidade capoeirística do estado. O processo de registro e salvaguarda da capoeira no estado do Ceará deu início em 2015, decorrente do reconhecimento da capoeira como patrimônio imaterial por parte do Iphan em 2008. No entanto, o debate sobre a presença feminina sempre apontou para uma invisibilidade física e social das mulheres, ficando ausente dos dossiês e relatos onde elas nunca são protagonistas. Esta pesquisa tem como base um conjunto de entrevistas realizadas no âmbito do processo de registro e salvaguarda da capoeira no estado do Ceará e pesquisas bibliográficas que tentam situar o papel da mulher na capoeira e nos processos de patrimonialização no Brasil.

**Palavras-chave:** Capoeira; Mulher; Patrimonialização.

## **Introdução**

As temáticas de gênero têm tido relevância em vários campos de estudo, caso também da prática da capoeira. Se a literatura sobre a presença feminina na capoeira e os debates de gênero começam a fazer crescer o número de pesquisas, artigos, dissertações e teses, muito pouco se lê sobre a presença das mulheres nos processos de registro dos bens culturais. Este artigo tenta problematizar esta limitação, a partir da constatação da invisibilidade das mulheres nos trâmites de registro e salvaguarda da capoeira no Estado do Ceará.

Nosso ponto de partida foram as entrevistas realizadas entre mestres e mestras de capoeira do estado, tendo em vista a realização de um dossiê temático sobre a capoeira do estado que subsidiasse o processo de registro e salvaguarda. Estes registros tinham como objetivo reunir informações, junto aos protagonistas da primeira geração de mestres, na sua maioria homens, de como se desenrolou a construção social da capoeira no estado do Ceará. A escolha por realizar entrevistas com os mestres da primeira geração, deveu-se ao fato de que constituíam as primeiras gerações de protagonistas que difundiram a capoeira no estado, mas, também, por contemplar a necessidade de abarcar o “ofício de mestres”, designação que enquadra o objetivo da salvaguarda da capoeira a nível nacional. Destes depoimentos, consta apenas a fala de uma mulher, Mestre Vanda, primeira mulher a receber o título de mestra no Ceará. Constatamos que, nas falas masculinas dos mestres entrevistados, mesmo sendo interpelados sobre a presença feminina nos treinos, rodas e apresentações, ou seja, a vida cotidiana de um praticante de capoeira, muito poucas mulheres foram citadas, apresentando-se sempre como uma presença secundária. A mobilização da categoria “mestre”, que serviu de base para as entrevistas, se revelou limitante, uma vez que deixava de fora as mulheres e o seu contributo, pois durante os anos 70 e 80, não existiam mulheres reconhecidas como mestras.

A incursão feita junto às mestras da atualidade, e as formas de organização coletiva das mulheres, revelou que a presença feminina era de fato bem mais numerosa e atuante, embora com percursos difíceis e marcados por indiferença e preconceitos. Um levantamento atual, realizado pela mestra Carla Mara, liderança feminista da capoeira do Ceará, revela uma disparidade contrastante na relação entre o número de mestres e mestras, sendo mais de uma centena de mestres para apenas 11 mestras mulheres.

Segundo Nascimento (2017), o processo de registro e salvaguarda da capoeira teve início no Ceará em fins do ano de 2014, somente 6 anos após o registro nacional da

prática enquanto Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, orientando-se que no andamento dos registros cada estado teria autonomia na condução de seus próprios processos, envolvendo os seus mais diversos atores: poder público, pesquisadores, movimentos sociais bem como os próprios capoeiristas.

Dentro de um contexto permeado por inúmeras discursões e reflexões, atritos e contradições ao final de 2016 realizou-se o I Seminário de Salvaguarda da Capoeira do Ceará, onde se articularam IPHAN e Capoeiristas, marcando um processo de reorganização interna desses últimos.

Contudo, apesar das contradições do processo, os capoeiristas passaram a se organizar em instituições que obtiveram variadas denominações: grupos de trabalho, fóruns, conselhos de mestres, redes, entre outros. A lida com o estado, pesquisadores e outros agentes, ainda que revelassem as fragilidades e fricções internas da capoeira e dos capoeiristas, tem permitido um momento de reflexão sobre o que é a capoeira, como se constitui enquanto bem cultural, em detrimento do seu álter-ego, a capoeira-esporte. (NASCIMENTO, 2017, pág. 70)

Um agente fundamental nesses processos de reorganização é a figura da mulher capoeirista, entendendo que durante todos os diálogos e interlocuções que envolveram os processos de salvaguarda ela esteve protagonizando as discursões e articulando em todas as instâncias necessárias, embora ela não seja uma figura diretamente visibilizada, por conta de todos os processos historicamente construídos de opressão à figura da mulher e especialmente no universo masculinamente predominante da Capoeira.

Em diálogo com as mulheres envolvidas diretamente nestes processos de salvaguarda, percebemos que a importância da mulher e suas particularidades são, por diversas vezes, invisibilizadas dentro desses processos institucionais. Infelizmente, não se constatou nenhuma política voltada para o público feminino que é figura presente e ativa na Capoeira do Estado do Ceará desde sua forma mais incipiente na década de 70.

Do ponto de vista metodológico, fizemos uso de entrevistas realizadas junto aos mestres da primeira geração, conduzidas pelos pesquisadores que participaram do levantamento de informações para o processo de salvaguarda junto ao IPHAN, mas não nos ativemos a eles, realizando outras buscas junto aos movimentos de mulheres capoeiristas no estado e as suas lideranças mais representativas. Em adicional, consultamos a bibliografia disponível sobre os processos de patrimonialização de outros estados onde a mulher capoeirista, conforme constatamos, também está sub-representação.

### **Pensando sobre o patrimônio**

É sabido que o Brasil é possuidor de uma diversidade cultural ímpar e que fatores como esse são fundamentais no desenvolvimento econômico e social de um povo. Pensar cultura e seus processos de reconhecimento, registro, transmissão, proteção e difusão permite atender diversos aspectos sociais de uma sociedade. Entretanto, é necessário refletir o que a expressão “Patrimônio” nos traz em relação ao objeto a ser preservado, que objeto é esse que necessita ser registrado como bem coletivo digno de proteção e o que ele reflete de uma sociedade tão plural como a brasileira. Fonseca (2009) provoca esse questionamento quando traz o debate acerca dos monumentos enquanto obras de arte de beleza estética ou palco de eventos mencionados em narrativas históricas.

A imagem que a expressão “patrimônio histórico e artístico” evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou por que constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes, referidos em documentos e em narrativa de historiadores. Entretanto, é forçoso reconhecer que essa imagem, construída pela política de patrimônio conduzida pelo Estado por mais de sessenta anos, está longe de refletir a diversidade, assim como as tensões e os conflitos que caracterizam a produção cultural do Brasil, sobretudo a atual, mas também a do passado. (FONSECA, 2009, pág. 59)

Dentre todas essas reflexões provocadas é imprescindível reconhecer que a cultura exerce um papel fundamental no combate à pobreza e às desigualdades por meio da geração de renda ocasionada pelo comércio de seus produtos e bens culturais. Podemos perceber o potencial econômico da exploração sustentável da cultura e de seus produtos no âmbito desenvolvimentista local, por conta desses fatores é essencial a ampliação de políticas públicas no sentido do reconhecimento dos bens materiais e imateriais da cultura de um povo. E para isso é essencial o trabalho dessas instituições que fazem o reconhecimento e o tombamento de determinados bens materiais e imateriais, embora o trabalho da população também seja essencial nesses processos de preservação e no acionamento dos órgãos competentes disparando o gatilho nos processos de tombamento e nos processos de salvaguarda.

Devemos lembrar que, como movimento estrutural, os arranjos de negócios, pautados pela onda da criatividade, sejam empreendimentos individuais, sejam coletivos, representam uma busca de sobrevivência à crise do desemprego e à falta de possibilidade de inserção de número expressivo, tanto da população economicamente ativa formada por jovens, como por trabalhadores de mais idade, em período de aposentadoria, mas que continuam a buscar ocupação e renda para complementar os poucos recursos recebidos da previdência social. (BOLAÑO, LOPES & SANTOS, 2016, pág.21)

Podemos articular os processos de patrimonialização, tombamento e salvaguarda segundo diversos níveis contemplados pela especificidade de cada organismo. A Unesco atua de forma central, inclusive esse processo é alvo de críticas, quando a cultura é tomada e gerida por mecanismos e estruturas globalizantes e que mesmo nas tentativas de reconhecer aquilo que é plural termina-se por essencializar determinados aspectos considerando-os elitistas e conservadores, a tomada de consciência a respeito dessa especialização tem por alvo segundo Fonseca (2003) “(...) que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que referem aos grupos sociais de tradição europeia, que, no Brasil, são aqueles identificados com as classes dominantes”. Essa tomada de consciência tem provocado dentro da Unesco a reação de alguns Estados membros da reivindicação do reconhecimento de sua identidade como Patrimônio Cultural da Humanidade, especialmente nos países periféricos.

“Os apelos à diversidade e à promoção das identidades locais foram potencializados em territórios como a América Latina, contextualmente marcados por uma grande heterogeneidade de línguas, crenças, costumes e tradições. No continente latino-americano o temor generalizado de uma unificação cultural fez com que as organizações profissionais de cultura, em parceria com movimentos sociais, assumissem a tarefa de pressionar os governos locais e nacionais no sentido de realizar a defesa e promoção das identidades locais e regionais” (ALVES, 2010, Pág.542)

O Iphan é uma instituição vinculada ao ministério da Cultura que atua na preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, protegendo e promovendo os bens culturais do Brasil, ele tem sua atuação alinhada às convenções da Unesco diretamente na conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros de acordo com a Lista do Patrimônio mundial determinada pela convenção do patrimônio mundial de 1972 e da lista do patrimônio cultural imaterial da humanidade pela convenção do patrimônio cultural imaterial de 2003. O Iphan foi criado na administração Vargas em 13 de janeiro de 1937 e chegou ao Ceará em 7 de maio de 2009, embora já figurasse no Nordeste desde 1982 como uma superintendência que atendia aos estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Entre suas atividades, o instituto fomenta a elaboração de políticas públicas que garantam a preservação e a permanência dos bens culturais materiais e imateriais<sup>1</sup>

O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo:

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/ce/>

arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

Os processos de salvaguarda são considerados a partir do modo de vida e representação das coletividades, são pautados no reconhecimento da diversidade cultural como definidora de identidades culturais. São instrumentos criados pelo Iphan de forma a padronizar e estruturar institucionalmente os aspectos imateriais da nossa cultura.

No Ceará, os processos de salvaguarda encabeçados pelo Iphan reconheceram três manifestações como patrimônio Imaterial do Ceará: as rodas de capoeira e os ofícios dos mestres de capoeira, o teatro de bonecos do nordeste e a festa do pau da bandeira de Santo Antônio em Barbalha. No âmbito dos tombamentos, o Ceará possui quatro cidades históricas, todas incipientes do período colonial: Aracati, Icó, Sobral e Viçosa do Ceará.

Segundo a Mestre Carla Mara, que esteve diretamente envolvida no processo de salvaguarda das rodas de capoeira e dos ofícios dos mestres de capoeira realizados pelo IPHAN, no Ceará, essa mobilização tem sido de fundamental relevância para o meio capoeirístico, pois até então não havia nenhum registro das atividades que aconteciam desde a década de 70 dentro de equipamentos públicos como os Centros Sociais Urbanos (CSU) ainda de forma bem incipientes e diluídas, inclusive, em forma de atividades folclóricas.

“Vai contar uma história que ainda não foi falada em sua totalidade, nem vamos falar na totalidade, mas em aspectos que não foram tocados, a gente vai poder... vai poder colocar o que a gente tem de documentos, são alguns registros fotográficos que também eram muitos raros na época, algumas reportagens de jornais que contam apresentações, basicamente, porque a capoeira, ela, nessa época, é muito mais folclórica do que luta né...ela vem mais como dança coreografada do que propriamente é luta... até porque ela, quando surge no Centro Social Urbano do Médici, que tem um grupo de dança, os alunos que treinavam capoeira, também treinavam dança, dança folclóricas não é... xote, baião, caninha verde, aí eles levavam maculêlê e levavam a capoeira e aí eles saíam fazendo essas apresentações tanto a nível de Estado, algumas cidades próximas e aqui dentro de Fortaleza, então ele ajuda também a espalhar a capoeira na cidade”.  
(MESTRA CARLA MARA)

Mestra Carla Mara nos sinaliza que os processos de salvaguarda estão a incorporar uma nova cultura de registro entre os grupos e coletivos de capoeira, a necessidade de se documentar, sistematizar e registrar as atividades realizadas. Segundo ainda a mestra, isso vai garantir, inclusive, o acompanhamento de determinadas demandas que são imprescindíveis e urgentes dentro do contexto da capoeira e das suas interlocuções institucionais com seus parceiros e entes públicos. O registro vem permitindo que discursões e reflexões que acontecem no interior dos grupos possam posteriormente se tornarem demandas de novas políticas públicas encaminhadas em favor do desenvolvimento da Capoeira.

### **Capoeira como lugar de mulher**

Tendo em vista que, segundo Scott (1995), “gênero é o termo utilizado para designar as relações sociais baseadas nas diferenças existentes entre os sexos, indicando as construções culturais e sociais de ideias sobre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres a partir de relações de poder” e essas relações de poder que se constituem assumidamente assimétricas entre homens e mulheres dinamiza a desigualdade de gênero que impõe à mulher uma conduta e um comportamento socialmente aceito que reconhece como adequado a ela uma forma peculiar de assumir a sua condição feminina, através da submissão, fragilidade, graciosidade. Porém, romper com essa construção tem sido tarefa de muitas mulheres capoeiras no percurso de consolidação da capoeira no estado do Ceará.

“Diferente de outras culturas populares que têm a figura da mulher como uma figura central, além do cuidado, aquela da fala, aquela da homenagem, aquela do cuidado, não é... com a figura, assim, nos aspectos religiosos, a grande maioria são mães de santos não é, nas danças populares do coco, do jongo também são as figuras da mulher que apresentam mais do que os homens e que permanecem nessa multiplicação do conhecimento também, então eles em um cuidado diferente, na capoeira como as mulheres chegaram bem depois, não é... e bem depois no patamar de mestras nós ainda estamos na busca de...desse espaço, por que eles nunca nos ofertaram, foi sempre a gente trazendo a nossa vontade de querer, nós já estávamos nesse território, nós fazíamos as coisas, mas nós não aparecíamos, quem organizava os eventos, quem montava as festas, quem fazia as reuniões, quem montava o grupo, quem fazia frequência, quem comprava blusa, quem vendia blusa, eram as mulheres que estavam nisso, só que a gente não aparecia, era uma colaboradora daquilo ali e pronto. Hoje, a gente vê as mulheres em várias instâncias da Capoeira, como eu lhe disse no início, hoje têm mulheres com grupos de capoeira, gerindo, coordenando vários homens e mulheres, temos mulheres em trabalhos de capoeira, que aí é ela dando aula, só pra...é ligada a algum grupo mas é ela dando aula, mulheres que dão formação, que fazem instrumentos, a capoeira tem uma cadeia produtiva belíssima, e por algum tempo os instrumentos ficaram em volta do homem fazer, hoje você já vê

mulher pintando berimbau, ajeitando e produzindo a verga.” (MESTRA CARLA MARA)

O movimento de mulheres vem protagonizando sua visibilização através de movimentos conjugados a outros segmentos, em uma batalha constante por reconhecimento e valorização da presença feminina na Capoeira do Ceará. Mestras, contramestras ou praticantes, as mulheres sempre estiveram presentes nesses espaços e as tentativas de silenciamento foram inúmeras, sejam elas físicas, simbólicas e ideológicas. A história da Capoeira do Ceará foi e ainda é construída pelas mãos de muitos, e entre esses muitos estão mãos femininas que não se colocaram de forma frágil ou despretensiosa como ainda se apregoam em alguns discursos machistas e sexistas, e sim de forma autêntica, consciente e forte: existindo e resistindo.

Quanto à prática da Capoeira em terras brasileiras, alguns pesquisadores apontam “que ela foi desenvolvida através de rituais africanos no Brasil, já que não foi encontrada em nenhuma região africana ou do mundo” (SOARES, 1994; VIEIRA, 1995 apud SOUZA, 2010). A Capoeira viveu uma condição marginal no início do século XIX sendo perseguida e coibida pela polícia, nesse contexto ela “gingava” entre suas categorizações: ora luta, ora jogo.

A capoeira vem sendo praticada em terras cearenses desde a década de 70 segundo relatos de alguns mestres. Inicialmente, ela fazia uma coalisão com outras modalidades e expressões culturais afro-brasileiras, como as danças e apresentações folclóricas de teatro. Dentro desse universo da cultura popular é que as mulheres foram conquistando seus espaços, e adentrando o universo capoeirístico. As Mestras e Mestres cujo relatos foram analisados sugerem que as mulheres sempre estiveram presentes nas rodas, atuando dinamicamente em todas as instâncias, dentro do jogo, tocando os instrumentos, cantando, organizando os eventos. Segundo o depoimento de um dos mestres, a presença da mulher no universo da Capoeira só tem a enriquecer o movimento no sentido de que a luta das mulheres é como a luta da própria capoeira, é uma luta por existência e sobrevivência.

“Desde a Paraíba eu sempre tive um número muito grande de mulheres praticando capoeira no meu trabalho. E aqui no Ceará se dá da mesma forma. O número de mulheres que a gente tem no grupo é muito grande, é aprendido todo dia. Então falando das meninas, eu aprendo muito, até porque a gente tem um grupo diverso de mulheres dentro do grupo, mulheres militantes feministas, mulheres militantes dos movimentos sociais, mulheres militantes dentro do movimento estudantil. Então, são pessoas e personalidades muito fortes, muito atuantes, e isso me deixa assim, numa felicidade muito grande, porque o nosso trabalho da capoeira – não falo só do meu, eu digo do nosso –, eu tenho certeza que a capoeira é, precisa ser e sempre será um instrumento de transformação social, de resistência, porque

ela foi criada para isso. Então, lidar, aprender com esses grupos, com essas pessoas, é fortalecer o próprio movimento da capoeira. A capoeira está presente nesses setores atuando diretamente. E a gente luta diariamente, e falando da minha parte, particularmente como homem, estar lidando diariamente como esse universo feminino, é preciso baixar um pouco a sua poeira, abrir o canal da sensibilidade para compreender o outro lado. Porque é muita coisa pesada que acontece com as mulheres na sociedade como um todo, e isso não dá para a gente fazer vista grossa. E dentro do trabalho a gente conversa sobre isso, faz de tudo para participar também de atividades que tragam essas demandas de assuntos, que a gente trata disso de forma direta, incisiva, participativa. E não quero ficar aqui de elogio, “reconheço o trabalho da mulher na capoeira”, não, a gente reconhece o trabalho da mulher todo dia, toda hora, é preciso ser feito isso, sem demagogias. Acho que a gente precisa reconhecer o quanto a sociedade nos oprime e a gente fica reproduzindo a mesma coisa com as outras pessoas”. (MESTRE MAGNATA)

As mulheres estão socialmente inseridas em um tecido social assimétrico que as coloca sob a tutela e a égide do patriarcado, impondo a elas um determinado comportamento social hegemônico e universalizante que a silencia e a submete a diferentes formas de opressões. Romper com essas assimetrias vem sendo uma tarefa que muitas mulheres assumem cotidianamente e o próprio ato de praticar a Capoeira e, a partir dela, construir ferramentas e instrumentos de insurgência é uma forma de rompimento.

A fala das Mestras apontam que a prática da Capoeira foi um de seus atos de insurgência contra o patriarcado, quando elas desafiaram suas famílias e insistiram na Capoeira como estilo e modo de vida, o que muitas vezes implicou, também, na inserção em religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé, embora isso não se configure com regra.

A presença da mulher em espaços que destoam das condições impostas pelo meio social hegemônico se constituem como contextos e territórios de luta e resistência. Permeados por inúmeros conflitos, o universo da Capoeira não seria diferente, na própria manifestação da adesão ao esporte, na concretude dos treinos ou na sociabilidade com os colegas, a mulher enfrenta diversos desafios na materialização de se tornar uma capoeira. Dentro desse contexto de lutas e resistências, a mulher tem construído suas redes de apoio e movimentação e, a partir de suas próprias narrativas e vivências, o seu reconhecimento é conquistado.

A construção social em torno da mulher e sua visibilidade no universo capoeirístico são construídas a partir de representações tendenciosas que atribuem à mulher um papel subalterno, sombreado pela presença do homem. Toda essa construção

é realizada concreta e simbolicamente em cada elemento presente no universo capoeirístico.

Por meio dos cantos, das poesias, das histórias e dos significados atribuídos aos instrumentos e demais elementos do ritual da roda da capoeira, são promovidas e construídas representações sobre mulheres e sobre homens. Isso não se faz do nada. Contamos com um arsenal interpretativo anterior, repleto de categorias cristalizadas que mobilizamos nos processos de reconhecimento e interpretação. As formas de pensamento e produção de conhecimento estão colonizadas com categorias modernas que se querem universais. Tal qual o binarismo de gênero. (FOLTRAN, 2017, pág.89)

Essas representações universalizantes partem de compreensões, valores e papéis sociais solidamente engessados em categorias que, com o passar dos tempos, vem se modificando graças à luta e atuação de mulheres que não se constituem enquanto agentes passivos, e sim como sujeitos articulados nas mais variadas instâncias sociais, culturais e políticas, cotidianamente formulando suas estratégias de visibilização que não se conformam com a realidade proposta por seu meio social machista e patriarcal.

A Capoeira, dentro de uma perspectiva histórico-cultural, está presente nas lutas feministas como importante ferramenta de resignificação identitária e corporal, bem como potente mecanismo de insurgência e resistência, visto que ela é notadamente um campo hegemonicamente masculino, que vem sendo apropriado pelas mulheres desde os primórdios de sua existência.

Dentro desse sistema que cotidianamente esmaga a mulher, a necessidade da criação e fortalecimento de redes de apoio é fundamental. A criação de fóruns e instâncias representativas, que contemplem a especificidade da luta das mulheres, é urgente, tendo em vista que atualmente a mulher vem sendo cada vez mais vítima de agressões físicas e simbólicas, dentro e fora das rodas em que ela está inserida.

Na década de 70, quando a prática da Capoeira estava se enraizando na cidade de Fortaleza, ela era praticada em espaços coletivos como os Centro Social Urbano-CSU ou nos centro comunitários dos bairros, especialmente os que se localizavam na periferia, e nesse contexto alguns relatos de capoeiristas versam sobre a formação de grupos de trabalho que discutiam e praticavam a Capoeira e as manifestações de cunho folclórico, porém, embora as mulheres já estivessem inseridas nesse meio, elas não participavam dessas instâncias discursivas, o que demonstra a sua invisibilidade quanto à tomada de decisões e à sua presença em esferas deliberativas.

Nós formamos um grupo de discussões chamado GRE – GRUPO REGIONAL DE DISCUSSÕES – Demóstenes, João Bahiano, Everaldo, Marconi, Jorge, eh... Isaque, João, Salomão, o próprio Reginaldo

Dracolino, o Márcio, era uma turma danada, ou seja, eram os jovens que frequentavam o Centro Comunitário que formavam o GRES, que formava a capoeira e dançava folclore. (DATI)

A partir das entrevistas percebemos que, inicialmente, a presença e a figuração das mulheres nas rodas de capoeira eram diretamente ligadas à figura masculina presente, ou seja, a mulher era vista apenas como a esposa, namorada ou amiga de algum capoeirista homem. Ou em algumas situações como mera figura ilustrativa, representando uma diversidade e uma inclusão que não se configurava efetivamente, mas que servia para motivar outras mulheres a participar dos movimentos da capoeira como nos relata uma das Mestras.

“O contexto da mulher naquela época, nós éramos convidadas pras rodas pra ...enfeitar (risos) desculpem mas eu tenho que dizer, na realidade não era bem enfeitar, levava, tinha que ter uma mulher, eu lembro que muitas vezes o mestre Everaldo ligava pra mim é, ele estava dando aula no Júlia Jorge né, ele ligava pra mim e dizia assim...Vanda...ou senão falava pessoalmente... ‘vai ter uma apresentação em tal lugar, eu estou precisando de uma menina’...eu vou sim, e eu vou sim. Pra que os meninos, aliás o público que estivesse ali assistindo ele dizia ali com aquela apresentação feminina que a capoeira era pra homem, menina e mulher também não é. Mas era assim, eu tive que enfeitar também brincando, por que a intenção realmente era essa de levar a menina pra dizer que ‘olha esse espaço também pode ser da mulher’ e eu achava importante também essa iniciativa de chamar quando não tinha chamar de outro grupo pra poder é... a mulher já começava a perceber isso né.” (MESTRA VANDA)

Esse tipo de movimento realmente trazia mais mulheres para a prática da Capoeira, e aquelas que ingressavam nos grupos assumiam o desafio de permanecer em um universo masculino e desafiador no enfrentamento ao machismo e ao patriarcado, algumas mestras nos relataram que pelo fato da capoeira ser vista como uma luta carregada de estereótipos marginalizantes era muito difícil suas famílias aceitarem de bom grado a presença delas nas rodas. Barbosa (2005), em sua pesquisa, relata que “Tanto a sociedade como a família da capoeirista costumavam rejeitar o jogo/luta/dança/ritual com medo de que a filha perdesse a feminilidade”

“E a minha mãe chegou a ponto de pedir para eu escolher entre ela e o meu pai e a capoeira, e eu fiquei assim... eu fiquei assim na realidade revoltada, eu passei poucos minutos para responder né, ah, pois eu fico com a capoeira. Ixi! Valeu assim um mês de cara ruim, é... recessão econômica total, aí eu... tudo bem, mas passou é...então tinha essas coisas, capoeira era muito ligada a questão masculina, a questão da marginalidade que era a luta de marginal, ela dizia assim ‘você já vai de novo pra esse lugar onde tem esses marginais, com essa luta de marginais’ era assim que ela falava né, não compreendia, não participou nunca nem de um batizado meu, viu. Jamais, aliás, ninguém da minha casa, mas isso não impediu a trajetória né...” (MESTRA VANDA)

A mulher apesar de assumir uma posição de liderança e de destaque internamente, ela não recebia a visibilidade e o reconhecimento que lhe era apropriado. Atualmente, se percebem algumas mudanças nesses comportamentos, entretanto essas

mudanças vêm se processando ainda a passos lentos e as violências continuam a existir e a se exprimir de forma aberta ou velada. A mulher está em busca de reconhecimento e valorização de seu trabalho e isso não significa que ela precise necessariamente da anuência, aplausos e provação dos homens para seguirem em suas perspectivas ou projetos de vida, ao contrário disso, a mulher segue e persegue apesar disso. O que acontece é que essa invisibilidade e não reconhecimento ocasionada por uma discriminação deixa de ser velada e sutil e se materializa em situações concretas de violência física e simbólica que permeiam desde o nível mais profundo das relações, quanto aos mais superficiais, ocasionando graves sequelas nas mulheres.

“É... havia esse momento também da... da... do próprio machismo, por que desde que eu me entendo dentro do universo capoeirista eu sempre via as mulheres trabalharem bastante, dentro da capoeira, nos eventos quem realizava os eventos eram as meninas, mas quem levava o nome é...é na hora dos aplausos né... dos agradecimentos era o mestre, era o professor, o homem que que estava à frente, eu sempre vi muito isso né, e acho que foi um trabalho, hoje já mudou né isso, graças a Deus. Acredito que ainda exista alguns resquícios disso, mas já mudou bastante, de apresentar na hora do agradecimento ‘eu quero agradecer e aí diz o nome da menina né, que as meninas trabalham sempre muito ativamente, principalmente nesse momento de montar os eventos eu acho que a gente é mais prática nessas coisas né.’” (MESTRA VANDA)

As mulheres que ascendiam em posições em uma estrutura hierárquica fortemente marcada pelo machismo, enfrentavam um leque de desafios, entre eles ter o seu trabalho diminuído, invisibilizado. A presença da mulher na capoeira é “consentida” dentro do sistema patriarcal, machista e misógino desde que ela seja contida dentro dos grupos, das rodas, floreado ou aparentando uma possível inclusão e representatividade feminina, para ser apresentada ao meio social. Barbosa (2005) assinala que “De certa forma, os menos esclarecidos ainda acreditam que a função simbólica e real da mulher na capoeira é a de “bater palmas”, ou seja, ficar do lado de fora da roda, incentivando os jogadores ou servindo de elemento catalizador”

“...deva ter havido também essas questões do preconceito, é da violência, que não é só a violência física, mas esse outro tipo de violência que eu também é, já relatei algumas vezes em alguns encontros que foi a que eu passei de eu tive que separar o meu trabalho do trabalho do meu marido, por que eu dava aula, era eu que dava aula na época, em todos os grupos que ele dava aula, e quando chegou o momento do batizado eu não pude dar a corda, por que o grupo não era meu, como me foi colocado, eu disse não, você não tem aluno, quer dizer eu dou aula mas eu também não tenho aluno, que eu era parceira em tudo, mas nesse momento eu não era nada né, e aí eu, eu já disse que eu sou sempre muito ousada, pois eu vou mostra pra vocês como eu tenho aluno, e eu rachei o grupo no meio mesmo, uma parte ficou lá e outra parte... Não é... então pra mim, eu acho que já aconteceu algumas vezes com algumas meninas que não devem ter tomado essa atitude é... mas ficaram caladinhas nessa época, mas eu quis fazer por que eu não podia ficar sem uma resposta, isso pra mim mesmo que rachando um grupo, mesmo que separando um trabalho de parceria de muito tempo né... eu tive que fazer, por

que senão eu estaria me anulando, meu trabalho, meu esforço, aquilo que eu acreditava.” (MESTRA VANDA)

Barbosa (2005), em artigo publicado sobre a mulher na capoeira, analisa os diversos fatores que permeiam a invisibilidade da mulher nos círculos capoeirísticos e aponta, inclusive, a baixa produção acadêmica sobre a temática. As obras, até ali, contemplavam apenas a presença feminina nas rodas e não a atuação ativa e os papéis de liderança exercidos pela mulher nesse meio considerado masculino.

As mulheres sempre estiveram presentes nas rodas de capoeira, sua figura se constituía enquanto catalisadora dos grupos pois sua atuação se estendia desde as cantigas, embora alguma delas se configurassem em um alto teor de machismo e misoginia, a mulher também atuava no apoio logístico. Barbosa (2005) assinala que a mulher “com raras exceções, era vista quase exclusivamente como uma peça de apoio na estrutura social do jogo/luta/dança/ritual ou como participante da resistência cultural afro-brasileira”.

Dentro desse contexto de resistência apreçado pela própria filosofia da capoeira é incoerente que uma forma de resistência cultural afro-brasileira exerça dentro de suas práticas qualquer forma de opressão, apagamento e silenciamento de seu povo, aqui colocando a mulher como parte ativa de todo esse universo.

A criação das rodas femininas foi o primeiro passo na estruturação e consolidação de um processo de luta e resistência feminina e na conquista de espaço, dali se articularam novas formas de organização, articulação e insurgência. Barbosa (2005) assinala que o feminismo, embora não seja o total responsável pela inserção da mulher nos espaços da capoeira, foi fundamental para que isso ocorresse, pois ele legitimou a luta das mulheres por espaços hegemonicamente masculinos e impulsionou a abertura dos debates e das discussões sobre a igualdade, paridade entre homens e mulheres. Além de permitir que novos parâmetros se instituíssem e formas de organização e articulação feminina fossem validadas socialmente.

“Tem um momento também especial pra gente, que era as rodas femininas nas raças...né... Muito importante pra nós ali de frente ao José de Alencar, não lembro o ano de forma nenhuma. Mas assim, era o momento que nós começávamos já como capoeiristas, né... a se afirmar como mulheres dentro da roda. Por que pouquíssimas mulheres tocavam, as vezes a gente ficava até de castigo do berimbau por que não tinha outra pessoa. Os meninos compareciam, os capoeiristas homens, mas não jogavam, eles iam pra nos dar suporte mesmo, né, ali formavam uma outra roda, pra nos dar segurança, nos dar um apoio, era muito bom né pra nós.” (MESTRA VANDA)

“Mas as rodas femininas foram muito importantes por que foi esse primeiro momento, acho que foi o pontapé inicial pros eventos femininos, pra a mulher começar a se pensar como capoeirista mais,

capoeirista mulher né... que também podia estar dentro da roda jogando, é que não era para estar jogando só com meninas, a roda era só com menina? Era. Mas a gente tinha essa intenção de que a mulher entrasse na roda de capoeira, na roda sem ter a roda de separação, mas que a gente jogasse com os meninos também né...e que a gente cantasse, que tocasse e que a gente pudesse ser professoras também e chegar a essa condição de mestra.”  
(MESTRA VANDA)

Mesmo em todo o contexto social promovido pelo feminismo e pela luta das mulheres capoeiristas, a violência contra a mulher ainda acontece dentro das rodas, e embora já existam mecanismos e lugares de fala garantidos dentro dos grupos, a mulher ainda é vítima de episódios sórdidos e desleais de violências físicas. Não raro são as descrições desses episódios dentro dos coletivos femininos, que se formam dentro dos grupos, e que, por força do movimento dessas mesmas mulheres esses casos não ficam restritos ao grupo onde ocorreram, eles são levados a diante e tomados como elemento dinamizador, tanto nas esferas institucionais quanto nas esferas ideológicas.

Zonzon (2015) aponta que a interação da pauta feminina nas rodas instalou uma reflexão que gira em torno do questionamento ao saber e ao poder vigente, a pauta não está confinada a datas comemorativas ou a experiências exóticas e alternativas, ela se materializa na concretude das rodas cotidianas e permitiu à mulher se inserir com mais profundidade em instâncias antes a ela negadas.

Com efeito, a integração nas pautas dos grupos de capoeira da reivindicação de igualdade de gênero (que vem associada à luta antirracista, notadamente pelo viés da “mulher negra”) teve como efeito instaurar um ritual de roda de mulheres que questiona a atribuição de saberes e poderes vigentes no universo tradicional. A pauta de gênero abriu espaço para o desenvolvimento de novas habilidades entre as mulheres, possibilitando que experimentassem comandar uma roda, cantar uma ladainha, escolher suas parceiras de jogo e outras práticas das quais eram excluídas. (ZONZON, 2015, pág. 11)

### **Considerações Finais**

As limitações impostas às mulheres dentro do universo da Capoeira são inúmeras, contudo, superá-las tem se construído tarefa eminente para as praticantes inseridas dentro das rodas e fora delas, pois o meio institucional se constitui também como importante campo de atuação para a luta das mulheres por visibilidade no meio capoeirístico. Tem-se aí em vista a crescente organização e interlocução dos grupos e coletivos femininos que discutem e debatem questões de gênero e suas implicações.

Partindo dos processos de salvaguarda das rodas de Capoeira e os ofícios dos mestres de capoeira, que enquanto manifestações reconhecidas como patrimônio Imaterial do Ceará, percebeu-se que suas estratégias e ações não contemplavam o segmento mulheres, a categoria “mestre” não contemplava a

diversidade e a pluralidade contida nas rodas. A participação das mulheres se constitui enquanto elemento fundamental no âmbito da construção histórica do universo capoeirístico. É importante salientar que visibilizar a presença feminina na constituição e solidificação da Capoeira no Estado do Ceará permite a inserção de novos olhares que descortinam atores, práticas e dinâmicas antes ocultos pelas limitações normativas do sistema vigente e esses olhares ampliam a análise desse processo, tecendo novos fazeres, modos de apreender e atuar no mundo.

A mulher sempre esteve presente no universo da Capoeira, segundo os relatos colhidos, sua presença foi conquistada através de muita perseverança e luta por mulheres que não se satisfaziam apenas em ser figurantes nas rodas, elas queriam seus espaços, queriam ser vistas, jogar a capoeira em pé de igualdade, exercer a capoeira enquanto profissão, dar aulas e poder passar a corda a seus alunos enquanto mestras que eram.

Além dos espaços práticos, a capoeira também se exerce nos espaços institucionais através da aquisição e garantia de sua preservação e continuidade. E é nesses espaços que a mulher vem aparecendo enquanto potência de luta e resistência, ela vem seguidamente se inserindo nos espaços deliberativos, seja através do protagonismo individual por meio da presença das mestras em seus conselhos ou através das força coletivas organizadas por elas em seus grupos, sempre atuando na elaboração, preservação e garantia da permanência da Capoeira.

Historicamente, a mulher sempre enfrentou diferentes tipos de opressão na tentativa da sua exclusão e silenciamento em um mundo hegemonicamente masculino e patriarcal. Nesse mundo, a sua representação só é permitida dentro de um determinado padrão pré-concebido e seu papel é limitado ao de espelho de docilidade, complacente e maternal. Sua inserção e permanência em áreas reservadamente masculinas como a capoeira, significou o rompimento de papéis socialmente construídos e atribuídos culturalmente. O que gera inúmeras contradições, tendo em vista que historicamente a capoeira é uma forma de luta surgida como ferramenta contra a opressão e discriminação.

Os processos de patrimonialização, especialmente dentro países periféricos, acaba por assumir uma narrativa histórica que insiste em essencializar sociedades plurais, gerando ainda mais desigualdades. A cultura e seus produtos assumem posturas conservadoras e hegemônicas, legitimadas por instrumentos legais

que colocam determinadas categorias socialmente discriminadas em posições marginais, deslegitimando e invisibilizando suas trajetórias.

Entretanto, essas mesmas categorias têm alcançado posições representativas consideráveis dentro desses processos institucionais, o silenciamento das mulheres vem sendo transposto através da luta e exemplo obtidos pelas mestras e praticantes mais antigas, em uma das falas da Mestre Carla Mara ela exemplifica o papel assumido pelas mais antigas nesses sistema de transformação “Hoje, eu vejo que nós mulheres temos um papel muito importante nisso, essas mestras mais antigas e essas que estão chegando, nós precisamos estar nessa linha de frente pra mostrar a elas que elas podem, não só por nós... mas por outras que vão vir. Esse espaço é legítimo, é nosso” (MESTRA CARLA MARA)

O movimento de mulheres na capoeira tem auxiliado na construção de uma nova perspectiva em torno da ocupação de espaços e protagonismo feminino nas instâncias decisórias e exemplo disso é a atuação da Mestre Carla Mara no processo de salvaguarda das rodas de capoeira e os ofícios dos mestres de capoeira, onde se fez presente em diversas atividades, conduzindo um debate analítico em torno de questões que se fazem urgentes no meio capoeirístico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliza Távora de. **Identidade, Resistência e Subjetividade: as mulheres capoeiristas do Maciço de Baturité**. Disponível em: [http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts\\_download/\\_Eliza%20Tavora%20de%20Albuquerque%20-%201020475%20-%203728%20-%20corrigido.pdf](http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/_Eliza%20Tavora%20de%20Albuquerque%20-%201020475%20-%203728%20-%20corrigido.pdf) Acesso em: 06 ago. 2019.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 25, n. 3, p.539-560, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922010000300007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n3/07.pdf> Acesso em: 10 jul. 2019.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A mulher na Capoeira**. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, Arizona, v. 9, p.9-28, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/50947157-A-mulher-na-capoeira-maria-jose-somerlate-barbosa-arizona-journal-of-hispanic-cultural-studies-volume-9-2005-pp.html> Acesso em: 16 jul. 2019.

BEZERRA, Paula Natanny Rocha. **Tem mulher na roda? Perspectivas feministas sobre as relações de gênero e feminilidade na capoeira**. Disponível em: [http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386781041\\_ARQUIVO\\_PaulaNatannyRochaBezerra.pdf](http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386781041_ARQUIVO_PaulaNatannyRochaBezerra.pdf) Acesso em: 06 ago. 2019.

BOLAÑO, César; LOPES, Ruy Sardinha; SANTOS, Verlane Aragão. **Uma economia política da cultura e da criatividade**. In: LEITÃO, Cláudia; MACHADO, Ana Flávia (Org.) **Por um Brasil criativo: Significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira**. Belo Horizonte: Código Editora, 2016, Pág.9-23.

CULTURA, Ministério da. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: IPHAN**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ce/> Acesso em: 10 jul. 2019.

FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula C. da C.. **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP**. *Educação Física em Revista*, Brasília, v. 2, n. 2, p.1-8, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/975> Acesso em: 02 abr. 2019.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **‘Se for lutar vai apanhar!’: um estudo quantitativo sobre hábitos e modos de lutadoras universitárias de boxe, caratê e capoeira**. 2009. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 14. Nº 135. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd135/habitos-de-lutadoras-de-boxe-carate-e-capoeira.htm> Acesso em: 06 ago. 2019.

FIGUERÔA, Katiúscia Mello; SILVA, Marcelo Moraes e. **Impressões femininas sobre a presença da mulher na Capoeira**. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (alesde)*, Curitiba, v. 4, n. 2, p.16-31, set. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/37220/25579> Acesso em: 05 ago. 2019.

FOLTRAN, Paula Juliana. **“Capoeira é pra homem, menino e mulher”:** angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. **Sankofa (São Paulo):** Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, [s.l.], v. 10, n. 19, p.83-106, 18 ago. 2017. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2017.137197>.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal:** por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Cap. 1. p.5979. Disponível em: [http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio\\_ensaios-contemporaneos.pdf](http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf) Acesso em: 10 jul. 2019.

MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira; MURICY, Jalcia Lima Santos. **Mulheres na história Capoeira:** Contribuições ao necessário debate sobre mulheres nas lutas sociais. 2016. ANDES. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-396573526.pdf> Acesso em: 06 ago. 2019.

NASCIMENTO, Ricardo. **Políticas e performances:** Um estudo de caso sobre o processo de patrimonialização da capoeira do Ceará. **Aceno: Cultura Popular, Patrimônio e Performance (Dossiê)**, Mato Grosso, v. 4, n. 7, p.65-82, jan. 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/issue/view/372/showToc> Acesso em: 10 jul. 2019.

SANTOS, Luísa Gabriela; ARAÚJO, Rosângela Costa. "**Eu sou artista e este é meu corpo**": um exercício de identificação sobre representações de mulheres capoeiristas. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503886609\\_ARQUIVO\\_Fazendo\\_Genero\\_mundo\\_das\\_mulheres\\_2017\\_luisa\\_gabriela\\_rosangela\\_costa\(vf\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503886609_ARQUIVO_Fazendo_Genero_mundo_das_mulheres_2017_luisa_gabriela_rosangela_costa(vf).pdf) Acesso em: 06 ago. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.71-99, jul. 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 05 ago. 2019.

SIMÕES, Rosa Maria Araújo. **Capuêra**: mulheres na luta. **Educação em Revista**, Marília, v. 3, p.97-106, ago. 2002. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/2153> Acesso em: 06 ago. 2019.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. **Capoeira**: sua história e as relações de gênero. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO "MEMÓRIA E PATRIMÔNIO", 14°. 2010, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Unirio, 2010. p. 1 - 10. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402\\_ARQUIVO\\_SimpósioDoc.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402_ARQUIVO_SimpósioDoc.pdf) . Acesso em: 01 jul. 2019.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva; DEVIDE, Fabiano Pires. **Capoeira Regional**: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. In: Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 17. 2011, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011. p. 1 - 14. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/2948/1405> Acesso em: 5 ago. 2019.

ZONZON, Christine Nicole. **Gênero, Malícia e Tradição**. In: POCHAT, Alex; SIMPLÍCIO, Franciane (Org.). **Pensando a Capoeira: dimensões e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mc & G, 2015. Cap. 1. p. 7-28. Coleção Capoeira Viva 3. Disponível em: <http://www.capoeiraviva.salvador.ba.gov.br/templates/capoeiraviva/html/ebooks/livro-5/files/livropensando.pdf> Acesso em: 05 ago. 20